



KAFKA, UM SÉCULO DEPOIS: UMA LEITURA BENJAMINIANA

KAFKA, A CENTURY LATER: A BENJAMINIAN READING

Marcos Antonio de Menezes*

Universidade Federal de Jataí – UFJ

 <https://orcid.org/0000-0001-8472-8186>

pitymenezesufg@gmail.com

RESUMO: Um século após sua partida, Kafka ressoa como um eco profundo nas palavras de Walter Benjamin, que o leu à luz do desespero, da burocracia desumana e das tensões sociais. Kafka, filho da modernidade, mergulhou nas águas turvas do Império Austro-Húngaro e de uma Praga dividida, onde o judeu, o marginalizado, o invisível, buscava refazer seu lugar no mundo. Como o Inquisidor de Dostoiévski, ele compreendeu os mistérios insondáveis da existência, capturando o absurdo em seus textos labirínticos. Kafka é o autor de parábolas sem fim, onde o indivíduo se perde em corredores de leis opacas, e as figuras de autoridade são sombras inatingíveis, sempre fora do alcance. A obra de Kafka, tecida por mãos invisíveis, como o próprio poder que denuncia, desafia o leitor a aceitar o absurdo como regra e a desesperança como única certeza. Como Benjamin nos recorda, Kafka não oferece respostas; suas histórias são espelhos de nosso próprio confinamento, onde as engrenagens da burocracia e do autoritarismo desumanizam, sufocam, e nos fazem perguntar: onde está a chave para o labirinto?

PALAVRAS-CHAVE: Kafka; Benjamin; interpretação; alegoria; alienação

ABSTRACT: A century after his departure, Kafka resonates like a deep echo in the words of Walter Benjamin, who read him through the lenses of despair, inhumane bureaucracy, and social tensions. Kafka, a child of modernity, plunged into the murky waters of the Austro-Hungarian Empire and a divided Prague, where the Jew, the marginalized, the invisible, sought to reclaim his place in the world. Like Dostoevsky's Grand Inquisitor, he understood the unfathomable mysteries of existence, capturing absurdity in his labyrinthine texts. Kafka is the author of endless parables, where the individual is lost in corridors of opaque laws, and figures of authority are unreachable shadows, always out of reach. Kafka's work, woven by invisible hands, much like the power it denounces, challenges the reader to accept absurdity as the rule and hopelessness as the only certainty. As Benjamin reminds us, Kafka offers no answers; his stories are mirrors of our own confinement, where the gears of bureaucracy and authoritarianism dehumanize, suffocate, and make us ask: where is the key to the labyrinth?

KEYWORDS: Kafka; Benjamin; interpretation; allegory; alienation

* Professor titular da Universidade Federal de Jataí (UFJ) e professor da pós-graduação em história (mestrado e doutorado) da Universidade Federal de Goiás (UFG). É autor de O poeta da vida moderna: história e literatura em Baudelaire. Curitiba: CRV, 2013.

INTRODUÇÃO

Em 1934, Walter Benjamin (1892-1949) escreveu um longo ensaio pelos 10 anos da morte de Franz Kafka (1883-1924). Ensaio intitulado "Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte"(1994, p. 165-196) e que foi publicado pela primeira vez naquele ano.¹ Nesse texto, Benjamin explora a obra de Kafka a partir de diversas perspectivas, destacando aspectos como a natureza alegórica de seus escritos, a questão da lei e da burocracia e a relação entre o individual e o coletivo. Ele argumenta que a obra de Kafka é profundamente alegórica e aberta a múltiplas interpretações. Sugere que os textos de Kafka são como parábolas que nunca se resolvem completamente, mantendo uma tensão constante entre o significado literal e o simbólico.

Kafka queria ser incluído entre os homens comuns. Pouco a pouco os limites de sua compreensão se tornam evidentes. Ele quer mostrar aos outros esses limites. Às vezes ele se parece com o Grande Inquisidor, de Dostoievski: "estamos, portanto, em presença de um mistério, que não podemos compreender. E como se trata de um enigma, tínhamos o direito de pregar, ensinar aos homens que o que estava em jogo não era nem a liberdade nem o amor, mas um enigma, um segredo, um mistério, ao qual tinham que se submeter, sem qualquer reflexão, e mesmo contra sua consciência" (BENJAMIN, 1994., p. 149).

Para além de seu importante estudo sobre o poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867), Benjamin pretendia realizar um estudo mais conciso sobre o escritor tcheco; sua morte prematura talvez nos tenha privado de tal obra. Benjamin escreveu dois ensaios, uma resenha à biografia de Kafka de Max Brod (1884-1968), vários apontamentos e uma correspondência relativamente extensos sobre o escritor. No ensaio de 1934, ele aponta vários caminhos originais para a interpretação dos escritos do autor que foram retomados amplamente pela gigantesca fortuna crítica posterior.

O MUNDO DE KAFKA

O contexto histórico e social da época de Kafka é fundamental para entender suas obras. Ele viveu durante um período de grandes mudanças e turbulências na Europa que influenciaram profundamente sua visão de mundo e sua escrita. Nasceu em Praga,

¹ Walter Benjamin publicou pela primeira vez seu artigo sobre Kafka em 1934, no jornal literário Jüdische Rundschau. O ensaio se chama "Franz Kafka: Zur zehnten Wiederkehr seines Todestages". Posteriormente, esse ensaio foi incluído em suas obras completas.

que fazia parte do Império Austro-Húngaro, um estado multinacional que abrigava diversas etnias e línguas. A complexidade cultural e as tensões nacionais dentro do império instilaram seu senso de identidade e alienação. O Império Austro-Húngaro era conhecido por sua vasta e ineficiente burocracia, um tema central nas obras de Kafka, nas quais a burocracia é frequentemente retratada como opressiva e desumanizadora.

Kafka era judeu e vivia em um ambiente onde o antissemitismo era comum. A posição marginalizada dos judeus na sociedade europeia influenciou seu senso de alienação e deslocamento. Praga, como muitas outras cidades europeias, estava passando por rápidas mudanças em virtude industrialização. O impacto da modernidade e a transição para uma sociedade mais industrializada e burocratizada são temas presentes em seus escritos. Seus pais já haviam se moldado à sociedade europeia do século XIX.

Para o judeu, a assimilação implicava o esquecimento do grupo de origem, trampolim para a desintegração do marginalizado. O fracasso da assimilação provoca o choque, senão a hostilidade, entre pais assimilados e os filhos desenraizados. As alusões em certo grau freqüentes, nos diários e cartas de Kafka, à questão judaica dizem de seu anseio em refazer seu lugar. (LIMA, 1993, p.170)

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) trouxe uma sensação de caos, incerteza e destruição, instigando a visão pessimista de Kafka sobre a humanidade e as instituições sociais. A guerra resultou na desintegração do império, levando a um período de instabilidade política e social na Europa Central. Kafka trabalhou em companhias de seguros, onde teve contato direto com a burocracia, inspirando muitas cenas de suas obras. Ele experimentou em primeira mão a alienação e a frustração que descreve em suas narrativas. Sofria de tuberculose, o que contribuiu para sua visão sombria da vida e seu senso de mortalidade iminente. Como judeu em uma sociedade predominantemente cristã e como alguém que não se identificava plenamente com a comunidade judaica ortodoxa, Kafka sentia-se em uma posição marginal, o que influenciou seu senso de deslocamento e alienação.

A época em que ele vive não representa para Kafka nenhum progresso com relação ao começo primordial. Seus romances se passam num lamaçal. A criatura para ele está no estágio que Bachofen² caracterizou como hetaírico. O fato de que este estágio esteja esquecido não significa que ele não se manifeste no presente. (BENJAMIN, 1994., p.155)

² Johann Jakob Bachofen foi um jurista e antropólogo suíço, professor de Direito romano na Universidade de Basileia de 1841 a 1845. Notas do autor.

Kafka teve uma relação complexa e conflituosa com seu pai, uma figura autoritária que influenciou seus temas de autoridade e opressão. Kafka foi sugestionado pelo movimento expressionista, que enfatizava a distorção da realidade para expressar emoções subjetivas e a experiência humana de alienação e ansiedade. Embora o existencialismo como movimento filosófico tenha se consolidado após a morte de Kafka, suas obras antecipam muitas preocupações existencialistas com a absurda busca de sentido em um mundo indiferente.

Para demonstrarmos a posição de Kafka no cânone deste século, temos de correr largamente seus textos, porque nem um gênero determinado que ele tentou contém a sua essência. Ele é um grande aforista, mas não um simples contador de histórias, a não ser em fragmentos e nos contos muito curtos que chamamos de parábolas. (BLOOM, 1995, p. 428).

BENJAMIN LÊ KAFKA

Um dos temas centrais que Benjamin identifica na obra de Kafka é a relação com a lei e a burocracia. Ele vê os processos burocráticos e a aplicação da lei nos escritos de Kafka como reflexões acerca da alienação e a impotência do indivíduo diante de sistemas impessoais e opressivos. Benjamin também discute como Kafka retrata a tensão entre o individual e o coletivo. Ele observa que os personagens de Kafka muitas vezes enfrentam dilemas que exprimem a luta do indivíduo para encontrar seu lugar dentro de estruturas sociais maiores e frequentemente incompreensíveis.

Na obra de Kafka, a luta contra o autoritarismo é representada de maneiras sutis e complexas, revelando a opressão e a impotência dos indivíduos diante de sistemas burocráticos e autoritários. Kafka explora esses temas principalmente em suas narrativas, personagens e ambientações. Em “O processo”³ (*Der Prozess*), o protagonista Josef K. é preso e julgado por um crime não especificado, em um sistema judicial labiríntico e opaco. “Depreendemos de *O processo* que esse procedimento judicial não deixa via de regra nenhuma esperança da absolvição. É talvez essa desesperança que faz com que os acusados sejam os únicos personagens belos na galeria kafkiana” (BENJAMIN, 1994, p. 141).

³ KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução de Modesto Carone. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

A burocracia aqui é retratada como um mecanismo inescapável e desumanizador, contra o qual o indivíduo tem pouca ou nenhuma defesa. Em "O castelo"⁴ (*Das Schloss*), também apresenta uma burocracia impenetrável, com o protagonista K. lutando para obter acesso a um castelo que representa a autoridade máxima. Sua luta inútil contra a administração do castelo simboliza a frustração e o desespero diante de um sistema autoritário. "A metamorfose"⁵ (*Die Verwandlung*) pode ser vista como uma metáfora para a alienação extrema e a desumanização imposta por forças autoritárias e sociais.

Nesta obra, e não só nela, "o fantástico aparece de modo explícito: todo o 'mundo' kafkiano é envolvido por uma atmosfera fantástica, por uma estranheza que o distancia decisivamente das formas 'normais' de aparição da realidade cotidiana" (COUTINHO, 2005, p. 165). Os mundos fictícios de Kafka são muitas vezes distópicos, manifestando a natureza opressiva e absurda dos regimes autoritários. A atmosfera claustrofóbica e as descrições detalhadas de lugares sufocantes e labirínticos aumentam a sensação de desespero e falta de saída para os personagens. As autoridades nas obras de Kafka são frequentemente invisíveis ou inacessíveis, representando um poder distante e inatingível. Essa característica destaca a luta infrutífera dos indivíduos contra um sistema que parece ser onipresente, mas ao mesmo tempo indefinível e impenetrável.

A lógica absurda e a injustiça flagrante dos sistemas autoritários são temas recorrentes. A arbitrariedade das ações das autoridades, a falta de transparência e a ausência de justiça verdadeira são maneiras pelas quais Kafka critica o autoritarismo. Ele utiliza esses elementos para criar uma crítica poderosa e duradoura contra o autoritarismo, destacando a vulnerabilidade e o isolamento do indivíduo perante sistemas opressivos e irracionais. A crítica à burocracia e o autoritarismo pode ser lida em "O processo" e em "O castelo" de várias maneiras, criando narrativas que ilustram a opressão, a desumanização e o absurdo desses sistemas.

Em "O processo", ele mostra uma burocracia opressiva e desumana, narrando o absurdo. O protagonista, Josef K. é preso sem ser informado do crime que supostamente cometeu. A ausência de informações claras e a falta de transparência são características marcantes da burocracia opressiva. Assim ele desnuda o emaranhado jurídico, retratando a burocracia como um labirinto intransponível, onde Josef K. se perde em processos

⁴ KAFKA, Franz. **O castelo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁵ KAFKA, Franz. **A metamorfose e o veredito**. Tradução de Marcelo Backer. Porto Alegre: L&PM, 2018.

intermináveis, audiências confusas e encontros com figuras burocráticas que não oferecem clareza ou resolução. As interações de Josef K. com os funcionários judiciais são frias e impessoais, frisando a desumanização. Ele é tratado mais como um número de processo do que como um ser humano, destacando a natureza desumanizadora da burocracia.

Daí não existirem, em sentido estrito, advogados reconhecidos pelo tribunal: todos os que comparecem diante dele como advogados são, no fundo, somente rábulas. Naturalmente isso produz um efeito muito degradante sobre toda categoria, e se proximamente K. for aos cartórios do tribunal, pode dar uma olhada na sala dos advogados, simplesmente para tê-la visto. (KAFKA, 1992, p. 127)

A burocracia, no livro, exerce um poder autoritário inquestionável no qual as decisões são arbitrárias e os indivíduos não têm voz nem recurso. Josef K. vive em constante medo e incerteza, pois não sabe as regras do jogo nem quem está no controle. Isso reflete a natureza opressiva de regimes autoritários nos quais o poder é exercido de maneira caprichosa e imprevisível.

Já em “O castelo”, o protagonista, K. chega a uma vila controlada por um castelo misterioso, onde as decisões são tomadas por autoridades distantes e inacessíveis. Ele tenta, sem sucesso, obter acesso ao castelo e entender seu papel na vila. A burocracia é retratada como um sistema opaco no qual os processos são deliberadamente confusos e as regras são incompreensíveis, criando uma barreira insuperável para quem tenta interagir com ela. Os funcionários do castelo são mostrados como incompetentes e indiferentes, muitas vezes contradizendo-se uns aos outros, exacerbando a frustração e a alienação de K. O castelo exerce um controle sutil e insidioso sobre os moradores da vila, determinando suas vidas de maneira arbitrária e sem explicação. Os habitantes da vila aceitam a autoridade do castelo como um dado imutável, demonstrando a internalização da opressão e a falta de resistência ao autoritarismo.

O Castelo é tanto uma alegoria religiosa quanto uma fotografia do Diabo em pessoa que pode ser tomada como uma alegoria do Mal. Toda alegoria tem uma abertura para o ar rarefeito das abstrações e é dotada de placas indicativas que apontam para um conceito ideal além dela. *O Castelo*, porém, é um ponto terminal da alma e da mente, um *nom plus ultra* da existência. Numa alegoria, o autor joga uma espécie de advinha com o leitor, quando não dá ele próprio a resposta; mas não há chave para *O Castelo*. (HELLER, 1976, p. 99)

Em todas as obras, os protagonistas lutam contra sistemas que parecem onipotentes e inescapáveis, expressando a impotência do indivíduo diante de estruturas

burocráticas e autoritárias. A constante batalha contra a burocracia e o autoritarismo leva a um estado de alienação e desespero no qual os personagens se sentem isolados e desumanizados. Kafka utiliza essas narrativas para criticar os sistemas burocráticos e autoritários, destacando como eles sufocam a individualidade, a justiça e a humanidade.

Benjamin comenta sobre a presença de elementos animais nos escritos de Kafka, como a famosa transformação de Gregor Samsa em um inseto em "A metamorfose". No livro, Kafka narra: "Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso" (KAFKA, 2018, p. 13). Benjamin vê isso como uma metáfora para a desumanização e a alienação experimentadas pelos indivíduos na sociedade moderna.

Podemos ler durante muito tempo as histórias de animais de Kafka sem percebermos que elas não tratam de seres humanos. Quando descobrimos o nome da criatura — símio, cão ou toupeira —, erguemos os olhos, assustados, e verificamos que o mundo dos homens já está longe. Kafka é sempre assim; ele priva os gestos humanos dos seus esteios tradicionais e os transforma em temas de reflexões intermináveis. (BENJAMIN, 1994, p. 147)

Benjamin também destaca o humor peculiar presente nas obras de Kafka. Ele sugere que o humor de Kafka é uma forma de resistência contra a absurda racionalidade do mundo moderno, criando uma espécie de "comédia do desespero". A abordagem de Benjamin em relação a Kafka é caracterizada por uma profunda sensibilidade aos elementos metafóricos e alegóricos dos textos, bem como uma apreciação da complexidade e da ambiguidade que tornam a obra de Kafka tão poderosa e duradoura. Para Walter Benjamin, a alegoria é uma forma de expressão que transcende o significado literal e imediato, proporcionando uma profundidade de interpretação e revelando camadas ocultas da realidade.

BENJAMIN LÊ KAFKA

Um dos temas centrais que Benjamin identifica na obra de Kafka é a relação com a lei e a burocracia. Ele vê os processos burocráticos e a aplicação da lei nos escritos de Kafka como reflexões acerca da alienação e a impotência do indivíduo diante de sistemas impessoais e opressivos. Benjamin também discute como Kafka retrata a tensão entre o individual e o coletivo. Ele observa que os personagens de Kafka muitas vezes enfrentam dilemas que exprimem a luta do indivíduo para encontrar seu lugar dentro de estruturas sociais maiores e frequentemente incompreensíveis.

Na obra de Kafka, a luta contra o autoritarismo é representada de maneiras sutis e complexas, revelando a opressão e a impotência dos indivíduos diante de sistemas burocráticos e autoritários. Kafka explora esses temas principalmente em suas narrativas, personagens e ambientações. Em “O processo”(1992) (*Der Prozess*), o protagonista Josef K. é preso e julgado por um crime não especificado, em um sistema judicial labiríntico e opaco. “Depreendemos de *O processo* que esse procedimento judicial não deixa via de regra nenhuma esperança da absolvição. É talvez essa desesperança que faz com que os acusados sejam os únicos personagens belos na galeria kafkiana” (BENJAMIN, 1994, p. 141).

A burocracia aqui é retratada como um mecanismo inescapável e desumanizador, contra o qual o indivíduo tem pouca ou nenhuma defesa. Em "O castelo"(2000) (*Das Schloss*), também apresenta uma burocracia impenetrável, com o protagonista K. lutando para obter acesso a um castelo que representa a autoridade máxima. Sua luta inútil contra a administração do castelo simboliza a frustração e o desespero diante de um sistema autoritário. "A metamorfose"(2018) (*Die Verwandlung*) pode ser vista como uma metáfora para a alienação extrema e a desumanização imposta por forças autoritárias e sociais.

Nesta obra, e não só nela, “o fantástico aparece de modo explícito: todo o ‘mundo’ kafkiano é envolvido por uma atmosfera fantástica, por uma estranheza que o distancia decisivamente das formas ‘normais’ de aparição da realidade cotidiana” (COUTINHO, 2005, p. 165). Os mundos fictícios de Kafka são muitas vezes distópicos, manifestando a natureza opressiva e absurda dos regimes autoritários. A atmosfera claustrofóbica e as descrições detalhadas de lugares sufocantes e labirínticos aumentam a sensação de desespero e falta de saída para os personagens. As autoridades nas obras de Kafka são frequentemente invisíveis ou inacessíveis, representando um poder distante e inatingível. Essa característica destaca a luta infrutífera dos indivíduos contra um sistema que parece ser onipresente, mas ao mesmo tempo indefinível e impenetrável.

A lógica absurda e a injustiça flagrante dos sistemas autoritários são temas recorrentes. A arbitrariedade das ações das autoridades, a falta de transparência e a ausência de justiça verdadeira são maneiras pelas quais Kafka critica o autoritarismo. Ele utiliza esses elementos para criar uma crítica poderosa e duradoura contra o autoritarismo, destacando a vulnerabilidade e o isolamento do indivíduo perante sistemas opressivos e irracionais. A crítica à burocracia e o autoritarismo pode ser lida em "O

processo" e em "O castelo" de várias maneiras, criando narrativas que ilustram a opressão, a desumanização e o absurdo desses sistemas.

Em "O processo", ele mostra uma burocracia opressiva e desumana, narrando o absurdo. O protagonista, Josef K. é preso sem ser informado do crime que supostamente cometeu. A ausência de informações claras e a falta de transparência são características marcantes da burocracia opressiva. Assim ele desnuda o emaranhado jurídico, retratando a burocracia como um labirinto intransponível, onde Josef K. se perde em processos intermináveis, audiências confusas e encontros com figuras burocráticas que não oferecem clareza ou resolução. As interações de Josef K. com os funcionários judiciais são frias e impessoais, frisando a desumanização. Ele é tratado mais como um número de processo do que como um ser humano, destacando a natureza desumanizadora da burocracia.

Daí não existirem, em sentido estrito, advogados reconhecidos pelo tribunal: todos os que comparecem diante dele como advogados são, no fundo, somente rábulas. Naturalmente isso produz um efeito muito degradante sobre toda categoria, e se proximamente K. for aos cartórios do tribunal, pode dar uma olhada na sala dos advogados, simplesmente para tê-la visto. (KAFKA, 1992, p. 127)

A burocracia, no livro, exerce um poder autoritário inquestionável no qual as decisões são arbitrárias e os indivíduos não têm voz nem recurso. Josef K. vive em constante medo e incerteza, pois não sabe as regras do jogo nem quem está no controle. Isso reflete a natureza opressiva de regimes autoritários nos quais o poder é exercido de maneira caprichosa e imprevisível.

Já em "O castelo", o protagonista, K. chega a uma vila controlada por um castelo misterioso, onde as decisões são tomadas por autoridades distantes e inacessíveis. Ele tenta, sem sucesso, obter acesso ao castelo e entender seu papel na vila. A burocracia é retratada como um sistema opaco no qual os processos são deliberadamente confusos e as regras são incompreensíveis, criando uma barreira insuperável para quem tenta interagir com ela. Os funcionários do castelo são mostrados como incompetentes e indiferentes, muitas vezes contradizendo-se uns aos outros, exacerbando a frustração e a alienação de K. O castelo exerce um controle sutil e insidioso sobre os moradores da vila, determinando suas vidas de maneira arbitrária e sem explicação. Os habitantes da vila aceitam a autoridade do castelo como um dado imutável, demonstrando a internalização da opressão e a falta de resistência ao autoritarismo.

O Castelo é tanto uma alegoria religiosa quanto uma fotografia do Diabo em pessoa que pode ser tomada como uma alegoria do Mal. Toda alegoria tem uma abertura para o ar rarefeito das abstrações e é dotada de placas indicativas que apontam para um conceito ideal além dela. *O Castelo*, porém, é um ponto terminal da alma e da mente, um *nom plus ultra* da existência. Numa alegoria, o autor joga uma espécie de advinha com o leitor, quando não dá ele próprio a resposta; mas não há chave para *O Castelo*. (HELLER, 1976, p. 99)

Em todas as obras, os protagonistas lutam contra sistemas que parecem onipotentes e inescapáveis, expressando a impotência do indivíduo diante de estruturas burocráticas e autoritárias. A constante batalha contra a burocracia e o autoritarismo leva a um estado de alienação e desespero no qual os personagens se sentem isolados e desumanizados. Kafka utiliza essas narrativas para criticar os sistemas burocráticos e autoritários, destacando como eles sufocam a individualidade, a justiça e a humanidade.

Benjamin comenta sobre a presença de elementos animais nos escritos de Kafka, como a famosa transformação de Gregor Samsa em um inseto em "A metamorfose". No livro, Kafka narra: "Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso" (KAFKA, 2018 p. 13). Benjamin vê isso como uma metáfora para a desumanização e a alienação experimentadas pelos indivíduos na sociedade moderna.

Podemos ler durante muito tempo as histórias de animais de Kafka sem percebermos que elas não tratam de seres humanos. Quando descobrimos o nome da criatura — símio, cão ou toupeira —, erguemos os olhos, assustados, e verificamos que o mundo dos homens já está longe. Kafka é sempre assim; ele priva os gestos humanos dos seus esteios tradicionais e os transforma em temas de reflexões intermináveis. (BENJAMIN, 1994, p. 147)

Benjamin também destaca o humor peculiar presente nas obras de Kafka. Ele sugere que o humor de Kafka é uma forma de resistência contra a absurda racionalidade do mundo moderno, criando uma espécie de "comédia do desespero". A abordagem de Benjamin em relação a Kafka é caracterizada por uma profunda sensibilidade aos elementos metafóricos e alegóricos dos textos, bem como uma apreciação da complexidade e da ambiguidade que tornam a obra de Kafka tão poderosa e duradoura. Para Walter Benjamin, a alegoria é uma forma de expressão que transcende o significado literal e imediato, proporcionando uma profundidade de interpretação e revelando camadas ocultas da realidade.

KAFKA E A POLÍTICA

Franz Kafka não é comumente considerado um militante de esquerda, embora suas obras possam ser interpretadas de maneiras que ressoam com algumas críticas de esquerda à sociedade. Kafka viveu na Europa Central no início do século XX, um período de grandes turbulências políticas e sociais, incluindo a ascensão do socialismo, do comunismo e de outras ideologias de esquerda. Embora não fosse um ativista político, era consciente das injustiças sociais e das desigualdades de seu tempo. Sua obra reflete uma sensibilidade para com os oprimidos e uma crítica aos sistemas opressivos, mas isso não se traduz diretamente em militância política. Kafka frequentemente explorava temas de alienação, burocracia opressiva e a impotência do indivíduo frente a sistemas incompreensíveis e autoritários. Esses temas podem ser vistos como críticas a estruturas de poder opressivas, o que se alinha com algumas preocupações de esquerda.

Obras como "O processo" e "O castelo" mostram indivíduos lutando contra sistemas autoritários e desumanizadores, exprimindo uma visão crítica das instituições que perpetuam a injustiça e a desigualdade. Alguns críticos interpretam as obras de Kafka como uma crítica ao capitalismo e à burocracia, características frequentemente associadas a análises de esquerda. A alienação e a desumanização presentes em suas histórias podem ser vistas como comentários sobre as condições de vida sob o capitalismo industrial.

Entretanto, isto não nos impede de explorar as passagens, as passarelas, os elos subterrâneos entre seu espírito antiautoritário, sua sensibilidade literária, suas simpatias socialistas, por um lado, e seus principais escritos, por outro. Temos aí vias privilegiadas de acesso ao que se poderia chamar de sua *paisagem interna*. (LÖWY, 2005, p. 19)

No entanto, Kafka não promove uma ideologia política específica nem oferece soluções políticas em suas obras. Sua abordagem é mais existencial e filosófica do que diretamente política. Kafka era amigo de pessoas com inclinações políticas de esquerda, como o escritor e dramaturgo comunista Max Brod. No entanto, não há evidências claras de que ele mesmo se identificasse explicitamente com a esquerda política. Seus diários e cartas revelam uma preocupação profunda com questões de justiça e humanidade, mas também uma atitude cética em relação às soluções políticas simplistas.

Enquanto as obras de Kafka contêm elementos que podem ser interpretados como críticas às estruturas de poder opressivas e à alienação sob o capitalismo, ele não pode ser claramente classificado como um militante de esquerda. Suas preocupações

eram mais existenciais e filosóficas, manifestando uma visão crítica da condição humana em face de sistemas autoritários e burocráticos. Embora Kafka não fosse um ativista, ele se interessava por várias ideologias políticas, incluindo o anarquismo. Suas leituras e discussões refletiam uma curiosidade sobre as formas alternativas de organização social e política. As obras de Kafka frequentemente abordam temas de opressão, burocracia e alienação, que são consonantes com as críticas anarquistas ao estado e às instituições autoritárias.

É evidente que não se pode reduzir a obra de Kafka a uma doutrina política, seja qual for. Kafka não produz *discursos*, ele cria personagens e situações e exprime, em suas obras, sentimentos, atitudes, um *Stimmung*. O mundo simbólico da literatura é irredutível ao mundo discursivo das ideologias; a obra literária não é um *sistema conceitual abstrato*, na trilha das doutrinas filosóficas e políticas, mas criação de um *universo imaginário concreto* de personagens e coisas. (GOLDMANN, apud LÖWY, 2005, p. 19)

Apesar disso, ele tinha uma ligação interessante e indireta com o movimento anarquista de Praga. Kafka viveu em Praga no início do século XX, uma época em que a cidade era um centro fervilhante de atividade política e cultural. Vários de seus amigos e colegas, como Max Brod e Felix Weltsch (1884-1964), estavam envolvidos ou simpatizavam com ideias anarquistas e sionistas. Kafka fazia parte de um círculo intelectual que incluía pessoas com inclinações anarquistas. Ele se correspondia e discutia ideias com indivíduos que estavam diretamente envolvidos no movimento anarquista. O ambiente em que Kafka viveu era politicamente carregado, com movimentos anarquistas, socialistas e nacionalistas ganhando força. Esse contexto inevitavelmente influenciou sua visão de mundo e seu trabalho literário. Apesar dessas conexões, é importante notar que Kafka nunca se identificou formalmente como anarquista e suas ligações com o movimento eram mais intelectuais e indiretas do que ativamente engajadas.

Reflexões acerca das relações de Kafka com o mundo social podem ser lidas em Michael Löwy, especialmente focando na perspectiva sociológica e política de suas obras. Em seu livro "Kafka: sonhador insubmisso", Löwy (2005) explora a visão de Kafka sobre a modernidade, a burocracia, a alienação e a opressão social. Ele argumenta que, embora Kafka muitas vezes seja interpretado principalmente em termos psicológicos e existenciais, suas obras também têm um forte componente de crítica social e política. Löwy analisa como Kafka aborda questões de poder, autoridade e resistência em suas narrativas, oferecendo uma leitura que destaca a dimensão política dos escritos de Kafka.

Se decidi retomar esse tema, foi com a convicção de que Kafka é mais atual do que nunca, mais legível do que nunca nas nossas angústias, nesse início do século XXI — carregado, pois, daquilo que Walter Benjamin chamava *Jetztzeit* “tempo do agora”. Hoje, mais do que na época em que viveu Kafka, esse sonhador insubmisso, as cadeias da humanidade torturada são feitas de papel de escritório. (LÖWY, 2005 p. 18)

Löwy argumenta que Kafka não é apenas um escritor de dilemas existenciais, mas também um crítico da sociedade de seu tempo, especialmente em relação à burocracia, ao autoritarismo e à alienação. Ele destaca como Kafka critica a burocracia e o autoritarismo nas suas obras, como em "O processo" e "O castelo", nas quais os personagens enfrentam sistemas opressivos e absurdos que representam a desumanização e a perda de liberdade individual. Löwy analisa como Kafka aborda a alienação que surge na modernidade, onde os indivíduos são frequentemente reduzidos a meros engrenagens em uma máquina social impessoal e desumanizadora.

Löwy discute a ideia de Kafka como um "sonhador insubmisso" que, apesar de retratar realidades sombrias e opressivas, também sonha com mundos alternativos e a possibilidade de resistência e transformação. Ele explora a ambiguidade presente nas obras de Kafka, nas quais a opressão e a resistência coexistem e os personagens frequentemente lutam contra sistemas que parecem inescapáveis, mas que também revelam fissuras e possibilidades de subversão.

Kafka se interessa pelos excluídos e outros párias triturados pela gigantesca máquina administrativa. O empreendimento de Kafka é, pois, muito original e singular, e seu modo de perceber o funcionamento do “aparelho” está mais próximo do dos simples indivíduos no labirinto burocrático do que das análises eruditas dos sociólogos, mesmo os críticos. (LÖWY, 2005 p. 168)

APROPRIAÇÕES DE KAFKA

A obra de Franz Kafka tem sido amplamente estudada e criticada por diversos estudiosos e críticos literários ao longo dos anos, além dos já citados Benjamin e Löwy. Hannah Arendt (1906-1975) analisou a obra de Kafka em seu livro "Homens em tempos sombrios" (1991), no qual discute o significado político e filosófico das obras de Kafka. Theodor W. Adorno (1903-1969) escreveu sobre Kafka em seu ensaio "Notas sobre Kafka" (2001), explorando as dimensões estéticas e filosóficas de sua obra.

Harold Bloom (1930-2019) incluiu Kafka em seu livro "The western canon", (O cânone ocidental, 1995), discutindo a influência e o legado literário de Kafka. Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) escreveram "Kafka: pour une littérature mineure" (Kafka: por uma literatura menor, 2015), no qual analisam a obra de Kafka a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, destacando a natureza subversiva e minoritária de sua escrita. Milan Kundera (1929-2023), em seu livro "Os testamentos traídos" (1994), reflete acerca da obra de Kafka e sua influência literária e filosófica. Max Brod, amigo e executor literário de Kafka, desempenhou um papel crucial na publicação e interpretação das obras de Kafka, apesar de suas visões muitas vezes serem criticadas por outros estudiosos por distorcerem as intenções originais de Kafka.⁶

A obra de Franz Kafka pode ser considerada distópica em muitos aspectos, embora suas narrativas não sigam exatamente o formato tradicional das distopias clássicas, como "1984" (2009) de George Orwell e "Admirável mundo novo" (2001) de Aldous Huxley. As características distópicas em Kafka emergem de sua representação de sociedades opressivas, burocracias esmagadoras e a alienação do indivíduo. As distopias clássicas frequentemente apresentam sociedades inteiras organizadas em torno de princípios opressivos e totalitários. Kafka, por outro lado, concentra-se em experiências individuais dentro de sistemas opressivos, sem necessariamente descrever toda a sociedade como distópica.

Enquanto as distopias clássicas geralmente têm um foco mais amplo na estrutura social e política, Kafka foca intensamente na experiência subjetiva e na psicologia dos indivíduos que enfrentam esses sistemas. Embora Kafka não escreva distopias no sentido tradicional, sua obra compartilha muitos elementos com o gênero distópico, como a crítica à burocracia, a alienação do indivíduo e a representação de sistemas opressivos e absurdos. Por isso, suas histórias podem ser vistas como tendo um caráter distópico, refletindo a angústia e o desespero em face de forças sociais e políticas opressivas.

As obras de Franz Kafka antecipam preocupações existencialistas por meio de diversos temas, personagens e situações que exploram a alienação, a absurdidade da vida, a falta de sentido e a luta individual em um mundo indiferente ou hostil. Em "A metamorfose", Gregor Samsa acorda transformado em um inseto gigante, o que o leva a uma profunda alienação de sua família e sociedade. Essa transformação pode ser vista

6 BROND, Max. Franz Kafka, eine Biographie (Franz Kafka, a Biography, 1937, later collected in Über Franz Kafka, 1974); Franz Kafkas Glauben und Lehre (Franz Kafka's Thought and Teaching, 1948); Verzweiflung und Erlösung im Werke Franz Kafkas (Despair and Release in the Works of Franz Kafka, 1959).

como uma metáfora para a sensação de isolamento existencial, quando o indivíduo se sente desconectado de sua própria identidade e das pessoas ao seu redor. Em "O processo", Josef K. experimenta uma alienação profunda ao ser preso e julgado por um crime que ele não entende. Ele se sente desconectado do sistema legal e de sua própria vida, indicando a luta existencial de encontrar sentido em um mundo absurdo.

As situações absurdas e muitas vezes sem sentido que os personagens de Kafka enfrentam são um reflexo claro das preocupações existencialistas. Em "O castelo", o protagonista K. enfrenta uma burocracia labiríntica e incompreensível na tentativa de alcançar o castelo. A luta inútil contra um sistema absurdo destaca a falta de sentido e lógica no mundo. A lógica tortuosa e as situações absurdas em "O processo" também denotam a visão existencialista de que a vida pode ser caótica e sem propósito e que a busca por sentido pode ser frustrante e fútil. Kafka aborda essas preocupações existencialistas de maneira complexa e multifacetada, criando narrativas que ressoam profundamente com as questões centrais do existencialismo, como a busca por significado, a luta contra a absurdidade, a alienação e o isolamento do indivíduo. "Do que se tem escrito sobre ele, pouca coisa conta; a maior parte é existencialismo. Kafka é enquadrado em uma corrente de pensamento estabelecida, em vez de se insistir nos aspectos que dificulta o enquadramento, e que por isso mesmo requer interpretação" (ADORNO, 2001, p.239).

A obra de Franz Kafka oferece várias contribuições significativas para a literatura universal e mantém uma relevância duradoura no século XXI. Ele é conhecido por suas representações profundas da alienação e do absurdo, que ressoam fortemente na sociedade contemporânea. Suas obras frequentemente retratam personagens que se sentem deslocados e incompreendidos em um mundo ilógico e opressor, refletindo questões modernas sobre identidade e burocracia. Em obras como "O processo" e "O castelo", Kafka critica as complexidades e a opressão da burocracia. Essas narrativas são particularmente relevantes hoje, quando a relação entre o indivíduo e as instituições governamentais e corporativas continua a ser um tema central. Kafka é aclamado por seu estilo literário único, caracterizado por uma prosa clara e direta que contrasta com a complexidade e a ambiguidade de suas narrativas. Seu uso de metáforas e alegorias influenciou muitos escritores e continua a ser estudado e imitado.

Os temas explorados por Kafka, como a busca por sentido, a injustiça, a impotência diante de forças maiores e a incerteza existencial, são universais e atemporais. Sua habilidade em capturar essas experiências humanas fundamentais mantém sua obra

relevante para leitores de todas as épocas. Kafka influenciou uma vasta gama de escritores e artistas, desde Jorge Luis Borges (1899-1986) até Albert Camus (1913-1960) e Haruki Murakami (1949-). Além disso, o termo "kafkiano" entrou no léxico cultural para descrever situações que são absurdas e opressivas, mostrando como seu impacto transcendeu a literatura para influenciar a cultura popular e o pensamento contemporâneo. "Sem dúvida a expressão 'kafkiano' assumiu um sentido fantástico para muitos de nós; talvez tenha se tornado um termo universal para o que Freud chamou de 'o fantástico', uma coisa ao mesmo tempo conhecida e estranha para nós" (BLOOM, 1995, p. 428).

Kafka oferece uma profunda reflexão em torno da condição humana e as complexidades da existência, abordando medos, dúvidas e a luta pelo entendimento e pelo propósito em um mundo muitas vezes indiferente. A obra de Kafka permanece relevante no século XXI porque continua a abordar questões e preocupações que são centrais para a experiência humana moderna, tornando-o um autor essencial para a compreensão da literatura e da sociedade contemporânea.

CONCLUSÃO

Para Benjamin, a obra de Franz Kafka é complexa e multifacetada, indicando a profundidade e a ambiguidade das próprias narrativas de Kafka. Ele apresenta várias observações e insights que, juntos, formam uma visão abrangente da obra de Kafka. Benjamin conclui que a obra de Kafka é profundamente alegórica, cheia de simbolismos e significados múltiplos e vê Kafka como um crítico da modernidade, especialmente da burocracia e da alienação que ela impõe. As estruturas opressivas e labirínticas que Kafka descreve retratam a experiência humana na sociedade moderna, marcada por sentimentos de impotência e desorientação.

Para ele, Kafka combina elementos míticos com realidades prosaicas, criando um mundo onde o extraordinário e o cotidiano se entrelaçam. Benjamin percebe que essa fusão permite a Kafka explorar verdades universais sobre a condição humana por meio de narrativas aparentemente simples e diretas. A presença constante de temas relacionados à lei, ao julgamento e à culpa nas obras de Kafka é vista por Benjamin como uma exploração das tensões entre justiça e injustiça, ordem e caos, quando Kafka revela as falhas e as arbitrariedades dos sistemas legais e sociais, questionando a possibilidade de verdadeira justiça.

A fragmentação das narrativas de Kafka é muitas vezes inacabada, é interpretada por Benjamin como um reflexo da incompletude inerente à experiência humana. As histórias de Kafka não oferecem resoluções claras, deixando os leitores com um senso de ambiguidade e questionamento. Benjamin identifica a alienação e o isolamento como temas centrais na obra de Kafka. Os personagens de Kafka estão frequentemente desconectados dos outros e do mundo ao seu redor, expressando uma condição existencial de solidão e desespero. Para Benjamin, Kafka utiliza a forma parabólica para transmitir significados complexos de maneira indireta. As parábolas de Kafka, com sua simplicidade enganadora, contêm profundidades de significado que continuam a ressoar e a desafiar os leitores.

Assim, Walter Benjamin vê a obra de Franz Kafka como uma exploração profunda e alegórica da condição humana na modernidade, marcada por alienação, incompletude e a tensão entre mito e realidade. Kafka, através de suas narrativas fragmentadas e ambíguas, oferece uma crítica incisiva da sociedade moderna e dos sistemas de poder, ao mesmo tempo em que explora temas existenciais universais.



www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Anotações sobre Kafka. In: _____. **Prismas: crítica cultural e sociedade.** Tradução de Augustin Wernet e Jorge Mattos de Almeida. São Paulo: Ática, 2001.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios.** Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BENJAMIN, Walter. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: _____. **Magia e técnica, arte e política.** Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.
- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo.** Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BROND, Max. **Franz Kafka**, eine Biographie (Franz Kafka, a Biography, 1937, later collected in *Über Franz Kafka*, 1974); **Franz Kafkas Glauben und Lehre** (Franz Kafka's Thought and Teaching, 1948); **Verzweiflung und Erlösung im Werke Franz Kafkas** (Despair and Release in the Works of Franz Kafka, 1959).
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Lukács, Proust e Kafka: literatura e sociedade no século XX.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- FERRARI, Sônia Campaner Miguel. Kafka, Benjamin: o natural e o sobrenatural. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 151-165, 2007.
- GOLDMANN, Lucien. Matérialisme dialectique et histoire de la littérature. In: _____. **Recherches dialectiques**. Paris: Gallimard, 1959. p. 45-64.
- HELLER, Erich. **Kafka**. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução Mário Henrique Leiria. São Paulo: Globo, 2001.
- KAFKA, Franz. **A colônia penal**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo, Exposição do Livro, 1965.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose e o veredito**. Tradução de Marcelo Backer. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- KAFKA, Franz. Diante da lei. In: _____. **A colônia penal**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Exposição do Livro, 1965.
- KAFKA, Franz. **O castelo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KAFKA, Franz. **O processo**. Tradução de Modesto Carone. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- KUNDERA, Milan. **Os testamentos traídos**. Tradução de Teresa Bulhões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- LIMA, Luiz Costa. **Os limites da voz de Kafka**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- LOWY, Michael. **Franz Kafka**: sonhador insubmisso. Tradução de Gabriel Cohn. São Paulo: Azougue Editorial, 2005.
- ORWELL, George. **1984**. Tradução de Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Recebido em: 15/12/2025
Parecer dado em: 09/02/2026